

# AS EXPRESSÕES “ISTO É”, “OU SEJA” E “QUER DIZER”.

Márcia Teixeira Nogueira <sup>1</sup>

## 1. Introdução

O presente texto registra algumas reflexões iniciais de um estudo sobre as expressões *isto é*, *ou seja* e *quer dizer*, no quadro teórico da gramaticalização. Limita-se este texto a lançar uma discussão sobre o estatuto de tais expressões e os processos associados ao uso que delas se faz em algumas ocorrências reais do português contemporâneo.<sup>2</sup> As considerações aqui registradas foram apresentadas ao GT de Descrição do Português, no XV Encontro da ANPOLL.

Assume-se, neste trabalho, que as expressões em estudo são formas gramaticalizadas<sup>3</sup>, o que é nitidamente percebido por seu caráter de fórmula (de expressão cristalizada) associado à função de indicar relações de reformulação entre dois segmentos de discurso, sejam sintagmas, orações ou, até mesmo, períodos inteiros, tal como se vê nas ocorrências a seguir:

(1) Condições favoráveis para a vida, *isto é*, água no estado líquido e temperaturas moderadas, não devem ter existido antes de 4,3 ou 4,2 bilhões de anos atrás. (DST-LT)

(2) A alternativa única é admitir que tais diferenças são atribuíveis ao meio ambiente em que crescem os membros das diversas sociedades. *Isto é*, que o desenvolvimento da personalidade do indivíduo esta condicionado pela cultura. (AE-LT).

(3) O governo pagava para dar ao mundo duas invenções: o diorama e a daguerreotípia, um processo pelo qual era possível gravar, de forma indelével, as imagens da câmara escura. *Ou seja*, a fotografia. (FOT-LT)

(4) (...) a criança autista geralmente ela... também apresenta sintomas de hipercinesia, *ou seja*, aumento do movimento ela não consegue ficar parada (...) (DID-21)

(5) Iansan tinha ferido Nicolau, pra ela eu devia fazer *uma obrigação, quer dizer: uma promessa*. (PP-LD)

(6) Verifica-se que tudo se resume em que o sujeito não gosta do desenho linear de Ingres e adora as figuras exóticas e coloridas do segundo; *quer dizer*, ele é que não é sensível à finura ou à delicadeza da linha, pois só é tocado pela eloquência ou a vivacidade das cores. (MH-LT)

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras Vernáculas - UFC - 60.020-180 – Fortaleza – CE – Brasil.

<sup>2</sup> Para estudo em língua escrita, utilizou-se o Banco de Dados de Língua Escrita Contemporânea no Brasil, da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP de Araraquara-SP. As abreviaturas após cada exemplo citado correspondem ao título da obra seguido do gênero textual a que ela pertence (LT: literatura técnica; LO: literatura oratória; LD: literatura dramática). Em língua oral, foi utilizado o *corpus* intitulado *Português Culto de Fortaleza*, que consta de inquéritos dos tipos DID, D<sub>2</sub> e EF.

<sup>3</sup>Em Hopper, & Traugott, (1993, p.4), a expressão *that is (isto é)* é apontada, ao lado de conectivos, pronomes, etc, como forma gramaticalizada, "palavra de função" (opondo-se a "palavra de conteúdo").

As expressões *isto é* e *ou seja* apresentam como significado básico o esquema relacional do verbo *ser* em orações equativas. No caso de *isto é*, o pronome anafórico *isto* preenche o primeiro argumento desse esquema, devendo o segundo argumento ser identificado no contexto seguinte. *Quer dizer* deriva, possivelmente, da locução *querer dizer* que consta em *isto* (que acabou de ser dito) *quer dizer*, equivalente a *significa* como se encontra em (7)<sup>4</sup>.

(7) Ele... quis vim fazer esse curso que eu estou fazendo (isto) *quer dizer* que é bom né? (D2-116)

Observa-se que o demonstrativo está presente em expressões de valor equivalente a *quer dizer* em outras línguas, tais como o inglês (*that is to say*), o francês (*c'est-à-dire*), o alemão (*das heißt*). Heine, Claudi & Hünneymeyer (1991, p.179-82) apontam o uso de demonstrativos como caso paradigmático de gramaticalização a partir da metáfora ESPAÇO-DISCURSO, que consiste na transferência de conceitos espaciais para organizar relações no universo discursivo. Com efeito, o emprego de demonstrativos é freqüente em uma das unidades da construção apositiva, tanto em referências catafóricas (8), como em anafóricas (9):

(8) O problema de Tião é esse - mora em casa errada ! (EN-LD)

(9) Enfim, deve ter sido um caso de amizade à primeira vista, o que prova que a literatura nem sempre é fator de invejas e despeitos. (CAR-LD)

Parece-nos que o processo de gramaticalização que originou as expressões *isto é*, *ou seja* e *quer dizer* está relacionado a essa metáfora que envolve, explicitamente, na expressão *isto é*, e, implicitamente, nas expressões *ou seja* e *quer dizer*, o emprego de conceitos demonstrativos que façam referência a algo dito anteriormente. A partir do significado lexical dos verbos *ser* e da locução *querer dizer* (*significa*), é estabelecida uma relação de equivalência entre um segmento discursivo anterior à expressão e o que será dito a seguir.

## **2. Estatuto das expressões *isto é*, *ou seja* e *quer dizer*.**

Em algumas gramáticas e compêndios de sintaxe tradicional, *isto é*, *ou seja* e *quer dizer* fazem parte de um conjunto variado de expressões que a NGB, seguindo Oiticica (1949, p.50), designa, genericamente, como *palavras denotativas*, nesse caso, *de explicação* ou de *retificação*. As palavras denotativas, segundo define Oiticica, não exprimem nenhuma idéia propriamente, mas indicam certos movimentos ou operações subjetivas e indispensáveis à compreensão do pensamento ou às suas cambiantes". Embora apresentem um funcionamento similar ao dos conectivos tradicionalmente apresentados como conjunções, as palavras denotativas são vistas como palavras "essencialmente afetivas" que mereceram da NGB uma "classificação à parte, mas sem nome especial" (Cunha & Cintra, 1985, p.540).

---

<sup>4</sup> Em artigo sobre os processos de gramaticalização dos verbos lexicais plenos para a classe dos auxiliares, Cezário, Gomes e Pinto (1996, p.107) analisam a expressão *quer dizer* como gramaticalizada e identificam, nesta, uma função gramatical associada a seu emprego como o de uma fórmula por meio da qual o falante corrige ou explica melhor o que disse. Lembram que essa função é compartilhada com as expressões *isto é* e *ou seja* (mais utilizadas na escrita) e apontam uma provável interpretação do uso delas como um caso de discursivização.

Em estudos recentes sobre a aposição<sup>5</sup>, essas expressões são denominadas de *marcadores de aposição* (Meyer, 1992) ou *indicadores explícitos de aposição* (Quirk *et al.*, 1985). Em uma tipologia proposta por Quirk *et al.* (1985), a possibilidade de inserir-se um determinado tipo de marcador entre as unidades da construção apositiva é utilizada como critério para a identificação da relação semântica mantida por elas. *Isto é, ou seja* e *quer dizer* podem ser considerados como marcadores típicos de aposição por codificarem a relação semântica prototípica nesse tipo de construção, qual seja a equivalência referencial ou semântica. Dessa forma, um segmento discursivo introduzido por esses marcadores será entendido como uma elaboração do segmento anterior.

A utilização de marcadores como *isto é, ou seja* e *quer dizer* é facultativa, mas, quando empregados, esses marcadores permitem a distinção entre aposição (natureza centrípeta) e coordenação assindética (natureza centrífuga). Tal como o emprego dos co-ordenadores, que, segundo Neves (1984, p.202), garantem a exterioridade sintática dos segmentos entre os quais ocorrem, bloqueando a aposição do segundo ao primeiro, a utilização desses marcadores explicita uma relação apositiva em contextos em que há dúvidas entre aposição e coordenação assindética.

Em (10), é bastante razoável analisar as expressões *o valor supremo* e *o supremo critério da humanidade* como unidades de uma construção apositiva em que a segunda faz uma reformulação parafrásica da primeira. Todavia, pode-se supor que, em (10), haja uma coordenação assindética entre dois predicativos.

(10) Nesta civilização o trabalho será *o valor supremo, o supremo critério da humanidade*. (SI-LO)

Cumprе ressaltar que as expressões *isto é, ou seja* e *quer dizer* são tão determinantes de uma interpretação apositiva da relação estabelecida entre unidades adjacentes, que, mesmo não sendo tais unidades extensionalmente correferenciais ou, de um ponto de vista léxico-semântico, não possam ser analisadas como sinônimas, elas passam a ser vistas como equivalentes. É o que se observa em (11) e (12):

(11) As páginas de Paulo Ronai, Ribeiro Couto, Tradutor de Si Mesmo, começando com estas palavras tão indicativas do dom de Ribeiro Couto de ser ele próprio, *isto é*, de fazer bem. (AM-LO)

(12) Não poderíamos continuar presos à rotina do bacharelismo e do doutoramento com a omissão das necessidades ansiosas do país, que reclamam o reajustamento do ensino superior a fins *cada vez mais* específicos, *ou seja*, cada vez mais sociais e objetivos. (JK-LO)

Observa-se, em [11] e [12], que, somente em virtude do emprego do marcador típico de aposição, os segmentos por ele relacionados podem ser entendidos como formulações alternativas para a expressão de um mesmo conteúdo.

Marcadores de aposição, em especial a expressão *quer dizer*, vêm sendo analisados como marcadores discursivos (marcadores conversacionais) em alguns trabalhos, como os de Fraser (1990), para o inglês, e os de Marcuschi (1989) e Risso, Silva & Urbano (1996), para o

---

<sup>5</sup> Ver Nogueira (1999), para aprofundamento sobre os fundamentos conceituais da aposição e o funcionamento textual-discursivo de construções apositivas não-restritivas.

português. A atribuição de tal estatuto às expressões *isto é*, *ou seja* e *quer dizer* pode, de fato, ser justificada se forem considerados na perspectiva de alguns dos critérios apontados por Risso, Silva & Urbano (1996) para a definição da classe dos marcadores discursivos. São os seguintes: a) exterioridade em relação ao conteúdo proposicional das elocuições em que se encontram; b) independência sintática, ou seja, não-integração de tais expressões à estrutura gramatical dos segmentos relacionados por elas; c) demarcação prosódica resultante da independência sintática dessas expressões; d) não-autonomia comunicativa, uma vez que, sozinhas, elas não constituem enunciados completos; e) cristalização formal (caráter formulaico) e extensão reduzida; f) recorrência relativamente alta, sendo a expressão *quer dizer* bem mais freqüente que as outras duas.

Um aspecto relevante a ser considerado diz respeito ao grau de transparência semântica dessas expressões. Segundo Risso, Silva & Urbano, os marcadores discursivos costumam manifestar um processo de acomodação do significado literal da(s) palavra(s) que os constituem à sinalização de relações dentro do espaço discursivo, o que resulta em perda parcial de transparência semântica. No emprego das expressões *isto é*, *ou seja* e *quer dizer*, observa-se que, a par da fixidez na forma dessas expressões, o significado básico de equivalência que sinaliza uma reformulação entre dois segmentos discursivos é, ainda, muito transparente, ou seja, encontra-se claramente subdeterminado pela forma lingüística.<sup>6</sup>

Risso, Silva & Urbano (1996) reconhecem, nos marcadores discursivos em geral, um contra-balanceamento de aspectos relacionados à articulação discursiva e aspectos concernentes à orientação da interação, uma vez que partem de uma concepção de texto como unidade globalizadora, sócio-comunicativa. Desse modo, entendem que todo elemento que cumpre uma função textual cumpre também uma função orientadora da interação. Percebe-se, no entanto, que as expressões em estudo são votadas, prioritariamente, para a articulação discursiva, o seqüenciamento de porções de discurso.

Essa propriedade mostra uma grande afinidade entre as expressões em estudo e a classe dos operadores argumentativos. Tal classe compartilha muitos traços com os marcadores discursivos e tem, como condição mais definidora de sua natureza, a função de organizar o universo textual. Koch (1987, p.108) analisa as expressões *isto é*, *ou seja*, *quer dizer* como um tipo de operador argumentativo. Segundo a autora, a especificidade desse operador está na propriedade de introduzir uma asserção derivada cuja função geral é de ajustamento, de precisão de sentido. A autora afirma que tal asserção, muitas vezes, além de trazer um esclarecimento sobre o que foi dito, encerra um argumento mais forte no sentido de uma determinada conclusão. Essa orientação argumentativa pode ser claramente percebida no emprego da expressão *quer dizer* nas ocorrências a seguir:

(13) (...) eu trabalhei em irrigação... eu trabalhei em extensão rural... eu trabalhei na Previdência Social... eu trabalhei em eletrificação rural... *quer dizer* tive muita sorte na minha vida...de ter um leque... de trabalho... que isso me deu um embasamento... técnico... e uma visão social muito grande. (DID-37).

---

<sup>6</sup> Algumas ocorrências da expressão *quer dizer* ilustram um distanciamento do significado estrito de equivalência semântica ou referencial. São, por exemplo, casos em que a expressão *quer dizer* introduz uma correção do que foi dito anteriormente: (...) meus pai são de Mombaça... quer dizer... meu pai é de Mombaça... minha mãe é de Tauá... (D<sub>2</sub>-34).

(14) (...) eu colocava discos do do Pink Floyd ele cantava igualzinho o Pink Floyd né? no no mesmo sotaque na mesma fa::la *quer dizer* é muito interessante... você vê o que leva a mente do ser humano né? (DID-21)

(15) (...) um colega da Universidade uma vez aqui... conversando comigo comecei a fazer umas críticas a determinadas posições... ele disse assim "mas se prevalecer o que você /tá dizendo eu dou um tiro na cabeça"... *quer dizer* é uma posição mesmo... religiosa (DID-10)

(16) (...) também é casado... a mulher dele é da Caixa Econômica *quer dizer* ele tem uma certa estabili{da::de. (D<sub>2</sub>-02).

Nas ocorrências (13) a (16), o emprego de *quer dizer* introduz uma reformulação na forma de um comentário por meio do qual o falante orienta a interpretação do que acabou de ser dito.

Vale lembrar que operadores argumentativos são instruções codificadas, de natureza gramatical, que dizem respeito ao valor retórico (ou argumentativo) inscrito na gramática. (Koch, 1987, p.104).

Martelotta (1996) ressalta a distinção entre marcadores discursivos e operadores argumentativos, associando o primeiro a um processo de discursivização, relacionado, prioritariamente, às funções interativas; e o segundo, a um processo de gramaticalização, resultante da transferência de um contexto situacional (espaço, tempo) para um contexto discursivo, com vistas a organização do universo textual. Enquanto o processo de discursivização, que gera, basicamente, marcadores discursivos, se caracteriza pela perda de restrições gramaticais, especialmente no que diz respeito à ordenação vocabular, a gramaticalização que dá origem aos operadores argumentativos determina-lhes uma natureza mais fixa, relacionada à sua função de organizador textual.

No caso das expressões *isto é*, *ou seja* e *quer dizer*, percebe-se, em geral, uma ordem fixa no emprego dessas expressões, no sentido de que elas não podem ser deslocadas livremente, funcionando tipicamente como expressões conectivas, entre dois segmentos discursivos:

(1a) \* *Isto é*, condições favoráveis para a vida água no estado líquido e temperaturas moderadas, não devem ter existido antes de 4,3 ou 4,2 bilhões de anos atrás. (DST-LT)

(1b) \* *Condições favoráveis para a vida, água no estado líquido e temperaturas moderadas, isto é*, não devem ter existido antes de 4,3 ou 4,2 bilhões de anos atrás. (DST-LT)

### **3. A discursivização da expressão *quer dizer*.**

Enquanto as expressões *isto é* e *ou seja*, mais frequentes na escrita, têm seu funcionamento mais regrado do ponto de vista distribucional, nota-se que, em situações reais de fala, o comportamento do marcador *quer dizer* se caracteriza pela quebra de restrições de caráter gramatical. Nas ocorrências a seguir, por exemplo, a expressão *quer dizer* não indica, claramente, que uma determinada seqüência discursiva deve ser tomada como interpretação de outra imediatamente anterior.

(17) (...) e outra coisa também me formei *quer dizer*... muito verde né? por conta da história daquele... me formei verde e::u me formei crua nua e {crua ainda (D<sub>2</sub>-02)

(18) o pai num sabe como punir porque acha que o castigo num pode... haver de maneira nenhuma... e ela tenta colocar isso que existe um meio termo... entre a educação tradicional... e::... é de eh por exemplo o pai... de tanto ouvir falar sobre:: a psicologia da criança... *quer dizer*... ele tenta fazer um... um psicologismo (D2-28)

(19) eh:: eh falando do:: do Dieguito para os... simpatizante... eh::... *quer dizer* uma vergonha a a:: a FIFA... negociar quem já leu as (revi/) eh quem já ouviu... eh as entrevistas quem já viu ouviu as entrevistas do Maradona... (D<sub>2</sub>-34)

O emprego da expressão *quer dizer* é muito freqüente na fala e está, usualmente, associado à função de preenchimento de pausas em hesitações. Embora, nesse emprego, permaneça um sentido geral de reformulação, isto é, de operação metadiscursiva, observa-se que restrições gramaticais (de ordenação) são quebradas, o que reflete estágios mais avançados do processo de discursivização. (Martelotta, Votre & Cezario, 1996, 60). Nesses casos, parece, portanto, justificada a atribuição do rótulo de marcador discursivo à expressão *quer dizer*.

#### **4. Considerações finais**

As reflexões contidas neste texto não buscaram, obviamente, uma definição categórica sobre o estatuto das expressões *isto é*, *ou seja* e *quer dizer*. Tais expressões caracterizam-se, de um modo geral, tanto por suas propriedades sintáticas e semânticas de marcadores da relação de aposição, como pela indiscutível função textual e discursiva que desempenham nas estratégias de reformulação.

A esse respeito, vale lembrar o posicionamento teórico de Castilho (1997) a favor de uma teoria modular da língua em que o léxico, tomado como módulo central, armazena itens já marcados por propriedades gramaticais, semânticas e discursivas. Dentro dessa concepção, os processos de gramaticalização e discursivização podem ser vistos como atuando, simultaneamente, em relação a um mesmo item ou construção. A presente análise das expressões *isto é*, *ou seja* e *quer dizer* nos faz concluir que elas constituem formas gramaticalizadas (pelo caráter de fórmula) que encontram, na função essencialmente conectiva, um estatuto "mais gramatical" e, na função de preenchimento de pausas, no caso de *quer dizer*, uma utilização "mais discursiva".

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- CASTILHO, A . T. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*. USP (São Paulo), v.19, 1997, p. 59-63.
- CEZARIO, M. M., GOMES, R.L.R. e PINTO, D.C.M. Integração entre cláusulas e gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E, VOTRE, S.J. e CEZARIO, M.M. *Gramaticalização no português do Brasil - uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 77-113.

- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FRASER, B. An approach to discourse markers. *Journal of Pragmatics*, 14. North-Holland. , 1990, p. 383-395.
- HEINE, B., CLAUDI, U. E; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KOCH, I.G.V. *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- MARCUSCHI, L.A.. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A.T.(org)-*Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 1-27.
- MARTELOTTA, M. E., VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E, VOTRE, S.J.; CEZARIO, M.M.. *Gramaticalização no português do Brasil - uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 45-75.
- MARTELOTTA, M. Gramaticalização em operadores discursivos. In: MARTELOTTA, M. E, VOTRE, S.J.; CEZARIO, M.M.. *Gramaticalização no português do Brasil - uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 191-220.
- MEYER, C. F. *Apposition in contemporary english*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- NEVES, M.H.M. *A coordenação interfrasal em português*. 1984. Tese. (Livre-Docência) Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 1984.
- NOGUEIRA, M.T. *A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil*. 1999. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara. 1999.
- OITICICA, J.R.L. *Manual de análise: léxica e sintática*. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.
- QUIRK, R. et al. (1985). *A comprehensive grammar of the english language*. London/New York, Longman.
- RISSO, M.S., SILVA, G.M.O; URBANO, H.. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I.G.V.(org) *Gramática do português falado*, vol. VI. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996, p. 21-94.